

Sérgio Telles

# Mergulhador de Acapulco

2ª edição



tao  
PB

Sérgio Telles

# MERGULHADOR DE ACAPULCO

– CONTOS –

2ª EDIÇÃO

*Mergulhador de Acapulco*, 2ª edição

© 2022 Sérgio Telles

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonas Eliakim

*Produção editorial* Catarina Tolentino

*Diagramação* Guilherme Henrique

*Revisão de texto* Marco Antonio Cruz

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* iStockphoto “A tumba do mergulhador” – Paestum (470 AC)



Dados Internacionais de Catalogação na  
Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

contato@taoeditora.com.br

www.taoeditora.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico  
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira  
de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios, sem autorização escrita da  
Editora.

Telles, Sérgio

*Mergulhador de Acapulco* / Sérgio Telles. –

2. ed. – São Paulo : Blucher, 2022.

212 p.

ISBN 978-65-89913-41-2

1. Contos brasileiros I. Título

22-4805

CDD B869.3

Todos os direitos reservados pela Tao  
Editora.

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos brasileiros

# CONTEÚDO

Cartas, telegramas, telefonemas.....	9
La vecchiaia è brutta .....	15
Missão cumprida.....	19
Amizade .....	23
A arte de presentear .....	31
Falta de ar.....	37
Carta de betim .....	41
Programa.....	49
Na delegacia .....	63
Rememorando.....	71
Lisa, Lisa .....	83
Tertúlia .....	89
Seg(ui)mento .....	103

O décimo dia.....	109
Natureza sábia.....	119
Bolo “Luís Felipe” .....	125
Feita para quem não está morto .....	131
Cara doutora Frieda.....	137
Maktub!.....	147
Sofro em grandes solos de sax .....	153
Sentença de morte .....	161
Espelho.....	171
Nocaute.....	181
Classe média blues.....	187
O guerra-peixe .....	191
Os cones da Filadélfia.....	195
Resolução.....	201
Relatório .....	207
A letra “T” .....	209
Mergulhador de Acapulco.....	211

## CARTAS, TELEGRAMAS, TELEFONEMAS

Várias vezes perguntei a ele de quem esperava as cartas, telegramas e telefonemas que, invariavelmente, procurava ao chegar em casa. Ele olhava para mim com o jeitão simpático de sempre, o olho redondo azul, e dava de ombros.

Logo aprendi que “cartas, telegramas, telefonemas”, frase que dizia toda noite ao chegar do trabalho, era uma espécie de cumprimento, ao qual todos da casa pareciam estar habituados, e que não merecia resposta. A mulher, a simpática Renée e as duas filhas, Júlia e Miriam, duas garotas de jeans e chicletes, nem se dignavam a responder com um “sim, tem cartas” ou “fulano ligou”. Simplesmente diziam – Oi, batalhou muito hoje? Faturou bastante? – e davam beijinhos.

Eu já estava há dois meses com eles. Apesar de terem uns dez anos menos que meus pais, eram grandes amigos, e eu os conhecia desde menino. Sempre foram como tios mais novos, mais próximos. Tinham vindo para São Paulo há muito tempo, mas toda a família deles morava lá em Barretos, perto de minha casa. Quando vim para a faculdade, meu pai não quis que eu enfrentasse São Paulo

assim, direto, sem um prévio estágio num lugar seguro, acumulando fôlego para dar o mergulho definitivo na vida sozinho fora de casa. Chiei um pouco, mas no fundo gostei. Estava com dezenove anos, e a casa de Ari era um posto avançado em território, se não inimigo, desconhecido.

Conhecia-os bem, embora nunca tivesse tido grande intimidade, e dizem que, para conhecer uma pessoa, tem-se que comer uma saca de sal com ela. Mas a única coisa que me chamou a atenção foi o tal “cartas, telegramas, telefonemas”.

Comecei a imaginar de quem esperaria tais mensagens. Eu o via sempre telefonando para a família dele lá em Barretos, falando com dona Marta e seu Edson, com a irmã dele, a Suzaninha. Então não seria daí que esperaria telefonemas, muito menos cartas. Os amigos, os negócios? Não podia imaginar como. Era um dentista supereficiente, com clientela grande, ocupava cargos nas entidades de classe, tinha muitos amigos, com quem mantinha contatos frequentes e intensos.

Sobravam os negócios escusos, hipótese à qual logo me aferrei. Única explicação possível para aquela preocupação recorrente, desgastante. Teria amantes, negócios ilegais? Sua vida pacata, tão aberta. A qualquer hora do dia ou da noite, Renée sabia exatamente onde ele estava. A própria tranquilidade que ela exalava, aquela tranquilidade de mulher segura da relação, que demonstra plena confiança no parceiro, desautorizava prosseguir com tal hipótese.

Mas era indiscutível que ele esperava algo. Inúmeras vezes, presenciei como aquilo que estava ocorrendo à sua volta, os grandes e pequenos acontecimentos familiares, as brincadeiras e malcriações das filhas, a presença de Renée, os amigos, tudo isso como que não o tocava, ou só o fazia remotamente, secundariamente. Não que ele fosse grosseiro ou ignorasse a família e os amigos. Não. Ele apenas estava como que além ou aquém de nós, nunca estava ali propriamente. A gente tinha que chamá-lo, e rapidamente ele escapava de novo para algum lugar que o obcecava. Ele estava preso lá, ali, em

quem quer que fosse, a seja lá o que, enquanto tocava a vida, coisa que, como já disse, fazia com perícia. As filhas, a mulher, a casa, a profissão, a conta bancária, tudo ia muito bem. Apenas aquela sombra nos olhos, a sobancelha mais tensa e levantada no lado esquerdo, a fração de segundo que demorava para responder é que davam a impressão de que não relaxava, não gozava daquilo que tinha, e que tinha em abundância.

Concluí que tudo isso tinha a ver com “cartas, telegramas, telefonemas”. Estava em casa, passava o correio, o telefone tocava, e lá corria ele. Eram os amigos, os colegas, a família, era o Dr. X. era Y, e, pelo seu rosto, via-se decepção, o vazio, claramente se expressava o aborrecimento: não era aquele telefonema que esperava, não era aquela carta.

O próprio item “carta” me parecia estranho. Ativo como ele era, pendurado no telefone, que diabo de carta era essa que esperava, o que o impediria de telefonar diretamente para saber o que lhe interessava?

E “telegramas”? Hoje parece démodé, mas naquela época nem tanto. Uma vez ele me disse que, quando criança, não podia haver honra mais alta para uma casa, dentre a vizinhança, que receber um telegrama. Logo as vizinhas vinham averiguar que notícias extraordinárias tinham chegado. Mas isso parecia extemporâneo, inadequado, insuficiente para justificar sua expectativa.

Depois me acostumei, deixei pra lá. Era uma pequena idiossincrasia, uma loucura mansa, uma bobagem. Passados os dois meses, fui para meu próprio apartamento, mas continuei frequentando a casa durante os cinco anos da faculdade, e aquelas impressões todas continuaram, pois Ari mantinha inalterado o cacoete. “Cartas, telegramas, telefonemas?” era parte irremovível de seu ritual de chegada em casa.

Ganhei uma bolsa de estudos e fui para os Estados Unidos. No quarto ano em que lá estava, recebi notícias de que Ari havia morrido, vitimado por um câncer de evolução rápida. Ao voltar, após ter organizado minha vida, fui visitar Renée.

Acho que ninguém gosta de fazer visitas de pêsames. No meu caso, fico sempre na dúvida se devo falar sobre o morto – quando temo estar remexendo numa ferida que o enlutado talvez preferisse não tocar – ou se conversamos em geral, o que pode ser tomado como um desrespeito à dor do visitado. Naquela vez tudo foi muito bem, um encontro caloroso. Conversamos muito, as meninas já moças, relembramos fatos. Renée falou dos últimos meses de Ari, já internado, e arrisquei uma brincadeira afetuosa, perguntando se ele ainda dizia “cartas, telegramas, telefonemas?”, a famosa frase, motivo de tantas piadinhas entre nós.

Respondeu que sim, e, mais surpreendente ainda, que estas foram suas últimas palavras. Ela tinha ido dormir em casa e Júlia tinha ficado no hospital naquela noite. Ao chegar e beijar-lhe o rosto, ele sussurrou, sem fôlego: “cartas, telegramas, telefonemas?” Logo depois entrou em coma e morreu no dia seguinte.

Estremeci quando ouvi, pois imaginei que coisa terrível ele esperaria, que mesmo em seu leito de morte, já expirando, continuava a preocupá-lo. Algo que parecia, consequentemente, maior que a própria morte.

Depois desta visita, fui morar em Brasília, onde a universidade tinha-me convidado para dar uns cursos, e, numa de minhas passagens por São Paulo, estando por perto, fui até a casa de Renée.

Enquanto tomávamos um cafezinho, ela me contou que, algum tempo depois de minha visita anterior, tinha chegado uma carta para Ari. O envelope manuscrito vinha da França, com grandes selos comemorativos, ela lembrava, aqueles selos que reproduzem pinturas célebres. Ficou ali horas olhando o nome de Ari e seu endereço escritos com aquela letra desconhecida, olhando aqueles selos, reproduções de Matisse e Corot.

Paralisada, não sabia se devia abrir a carta, que parecia ser *a carta*. Finalmente abriu-a e viu que estava escrita à mão, como o envelope, e em alemão. A assinatura era ilegível. Alemão ela não sabia, teria que pedir a alguém para lê-la. Foi então que, tomada interiormente

por maus pressentimentos e sabendo que ia fazer algo do qual se arrependeria pelo resto da vida, rasgou a carta em pedacinhos e os jogou na privada, puxando a descarga em seguida.

Depois, continuou Renée, por um tempo fez de conta que tinha esquecido a carta. Um dia começou a perguntar aos parentes e amigos de quem poderia ser, tentava ler a carta, numa impossível reconstituição mental. Até o dia em que uma ideia apareceu e se instalou em sua cabeça: pensou que se o missivista tinha mandado uma carta, bem poderia entrar em contato novamente, pelo correio, por telefone, poderia mandar outra carta, e essa, dizia a toda hora para todos, ela jamais rasgaria, jamais repetiria o mesmo erro. E Renée passou a aguardar o correio e, se não estivesse lá na hora, chegava e perguntava “cartas, telegramas, telefonemas?”.

Esta última parte ela não me contou. Eu mesmo a vi fazendo, pois tinha chegado antes dela em sua casa e presenciei sua entrada e o que disse, e cheguei a pensar que ela estava fazendo uma pequena brincadeira comigo, em nome dos velhos tempos. Agora, após tudo o que me dizia, entendia que não era bem assim. Senti, então, uma angústia insuportável, e logo me despedi. Em vez de pegar um táxi, saí andando pelas ruas, para tentar descarregar uma coisa pesada que sentia, uma opressão no peito, uma grande tristeza, uma sensação de medo.

## LA VECCHIAIA È BRUTTA

Não posso alegar inocência, dizer que fui pega desprevenida. Foi a primeira coisa que Marina me disse quando me mudei para o prédio:

— Olha, toma cuidado, é meio engraçado, meio esquisito, mas tem um velho aí, um coroa, que ataca toda mulher no elevador.

Coitado do seu Manoel, é um problema. Dizem que a família teve de se mudar para cá por causa dos escândalos que ele provocou no prédio onde moravam. Os maridos perderam a paciência. Aqui não. Aqui é motivo de riso, gozação. Você vai ver. É assim: quando ele está com a mulher dele, os filhos já casados, as noras, é um vizinho como outro qualquer, gentil, delicado, e vai dizer “*la vecchiaia è brutta*”. Ele sempre diz isso. Mas basta estar só para mudar totalmente. Aí ele ataca mesmo, quer passar a mão, quer beijar, é um troço. Daí dizerem que é malandragem dele e não arteriosclerose, demência, qualquer coisa assim.

Não liguei, tinha outras preocupações. Estava mudando para um prédio mais chique, num bairro mais legal, era um passo a mais em nossa modesta escalada social. Estávamos preocupados em fazer amizades, meio saudosos dos amigos e vizinhos da Barra Funda,

os que ficaram para trás. Estávamos curtindo o Itaim, o Mappin, a Avenida Juscelino Kubitschek, a vida nova. Zé Luís estava eufórico, muito orgulhoso, e eu também.

Aí, um dia, encontrei-me com ele. Estava saindo do apartamento de Marina e, no elevador, vinha um senhor baixinho, de olhos muito pretos, que destoavam dos vastos cabelos brancos. Marina me olhou rindo e entendi que estava frente a frente com o seu Manoel.

Ele nos cumprimentou formalmente, despedi-me de Marina e entrei no elevador. Quando a porta fechou, ele me olhou nos olhos e disse um cafajeste “gostosa”. Prevenida, não me assustei. Olhei para sua cara e me enchi de pena daquele velhinho. Havia um tal desespero no seu olhar, que ficava estranho, não combinava nada com o seu “gostosa”. Parecia que ele lutava para não chorar. Parecia estar com medo de alguma coisa, e me deu uma imediata vontade de abraçá-lo, acalmá-lo, dizer “isso passa”, “não fique assustado”. Mas não devo ter demonstrado nada disso, e o elevador chegou ao térreo, onde descí.

Chegaram as eleições de síndico, e Zé Luís logo se candidatou. Julgava ser esta a forma mais fácil de se tornar próximo dos novos vizinhos, fazer amizades mais condizentes com nossa nova realidade financeira. Ele foi eleito, mas logo descobriu que não ia poder realizar seus projetos. Dos trinta apartamentos, pouquíssima gente ia às reuniões de condomínio, só uns gatos pingados. Os mais ricos e finos, que eram o alvo do Zé Luís, nunca iam, não ligavam a mínima para as reuniões. Iam só os mais pobres, que tentavam impedir o aumento das despesas do prédio. Como não tinham amigos nem passeavam fora, faziam da reunião um grande acontecimento. Ali estavam sempre as mesmas pessoas, falando mal da vida alheia e fofocando. É claro que seu Manoel era um prato cheio, com suas investidas às moradoras e empregadas.

Sem me dar conta, fui tomando o partido dele, só pela antipatia que sentia pelas beatas, pelas comadres, pela carece delas, pelo prazer que tinham de pichá-lo.

Calhou de passar um tempo sem que eu me encontrasse com o seu Manoel, mas aí aconteceu. Não sei como nem porque, mas quando ele entrou no elevador e disse “gostosa”, eu fui até ele e dei-lhe um beijo. Ele quase caiu para trás. Não podia nunca esperar minha atitude. Recuperado do susto, ele manteve a investida e me beijou para valer.

Eu estava completamente zozna, louca. Chegamos ao térreo e ele me convidou para um cafezinho no bar da esquina. Perplexa comigo mesma, eu fui. E do cafezinho saímos para um motel.

No dia seguinte, fui a uma psicóloga. Apavorada, confusa, me achando completamente pirada. Fiquei uns dois meses por lá, ela dizia que eu tinha problemas não resolvidos com meu pai – era a única possibilidade de entender uma mulher de vinte e sete anos sair com um homem de setenta. Setenta – setenta anos – que coisa espantosa, eu dizia para mim mesma. A psicóloga parecia meio indignada. Não entendia como eu fazia um negócio desses, eu com um marido de trinta e dois, um cara bem-apanhado, jogador de basquete no Esperia, (isso antes da mudança para o Itaim – tínhamos planos de ir para um clube melhor, tão logo fosse possível). Estaria louca, em processo de desagregação psicótica? A psicóloga se perguntava, e eu fui embora, sem esperar as respostas.

Passado o susto inicial, me reconciliei com a ideia, nem sei como. Eu me via com seu Manoel e me enchia de ternura por ele. Sua “pouca-vergonha”, como o pessoal do prédio dizia, me parecia algo tão diferente. Seu Manoel estava numa luta contra a morte, era um não aceitar a velhice chegar, um não se deixar levar sem esparnar, um lutar às claras contra o fim, um se agarrar com unhas e dentes à vida, um sugar desesperadamente o que escapava rápido por entre os dedos, uma busca de calor contra o inverno que chegava definitivamente.

Depois de um certo tempo, todo o prédio ficou sabendo. A família dele resolveu diplomaticamente ignorar o assunto. Zé Luís ficou arrasado, conversou com amigos, que insistiam que eu devia estar

doida, que devia me internar. Minha mãe foi convocada, e minha tia Lurdes, a conselheira da família, veio tentar chamar-me à ordem. Aceitei ir ao psiquiatra, até ser internada, mas, no fundo, sabia que estava além de qualquer ameaça, aliada que era numa batalha radical, uma batalha que os outros se recusavam a enfrentar. Seu Manoel era o único que olhava a fera no olho e a desafiava, rebelava-se, não se deixava enganar ou submeter. Os outros se sentiam incomodados, questionados por sua coragem. E, nesta batalha, eu era uma peça fundamental.

Zé Luís cansou e me deixou. Vendemos o apartamento e tive que ir morar com minha mãe. Zé Luís foi para um apart-hotel. Estava até aliviado. Lá talvez pudesse dar seguimento a seus planos de ascensão social. Minha mãe me olhava boquiaberta, bem como minhas amigas.

Seu Manoel remoçava e, um dia, delicadamente, perguntou-me se eu me incomodaria de atender a alguns amigos dele. No início não entendi. Depois entendi e quis me ofender, mas seu Manoel logo conseguiu me acalmar. E eu pensei: “por que não?”

Os muitos amigos de seu Manoel me ocupam e sinto que, literalmente, insuflo vida nestes solitários viúvos, acabrunhados velhos casados com esposas doentes.

Nunca me senti tão útil em minha vida. O trabalho é grande e já tentei arregimentar novos quadros para a batalha. Comecei com Marina, mas ela ficou chocadíssima. O mesmo aconteceu com outras amigas com quem falei. Mas acredito que conseguirei no futuro. Quem sabe elas poderão repensar e entender o chamado e, assim, juntarmos forças nesta luta.

Minha missão apenas começou.

## MISSÃO CUMPRIDA

O gordo chegou ao bar e foi direto à mesinha onde estava um homem de meia-idade lendo um jornal, bebendo uma caipirinha de vodca.

— Oi, há quanto tempo! – disse o que estava sentado.

— Prazer em te rever. É uma honra. Você não tem ideia de como está famoso por lá – disse o gordo, sentando-se. Respirou fundo, acomodou-se e olhou em volta. Parecia estar gozando da tarde, que corria docemente para as 17h, não muito quente, um ventinho gostoso.

— Imagino. Foi apenas um bom trabalho. Quer uma bebida destas? Experimente. Vai gostar. A propósito, já se acostumou com a nova aparência? – disse o outro, enquanto chamava o garçom.

— Me conta. Em que pé está? – O gordo puxou a cadeira mais para perto do de meia-idade.

— Tudo pronto. Acredito que mais vinte, quarenta anos e poderemos chegar tranquilamente, sem pânico, sem rebuliço. – Parecia meio enfasiado, não tinha o interesse do gordo.

— Bom, você seguiu o plano habitual, suponho.

— Claro. O dirigido às novas gerações. A experiência tem mostrado ser a melhor. Na TV, todos os desenhos animados falam de

naves espaciais, habitantes de outros planetas, armas especiais, forças desconhecidas. Para as crianças isso é corriqueiro e familiar. – Enquanto falava, passava as mãos pelos cabelos ralos no meio da cabeça e olhava longe, sem corresponder ao intenso olhar do gordo.

— E antes?

— Bom. Nos anos cinquenta, você sabe, fizemos as espetaculares aparições. Manchetes em todas as grandes publicações, muitas especulações, escândalos, muitos “loucos” falavam que nos tinham visto.

— E depois? – O gordo, sôfrego, não parava de perguntar.

— Um interregno. Bonança. Investimos na produção literária, que já havia sido usada antes com parcimônia. E também no cinema. A “ficção científica”, como eles dizem, teve um *boom* nos últimos anos. Pegou fogo. Tem estado assim. – Ainda passando a mão nos cabelos, chamou o garçom e pediu outra caipirinha de vodca. Happy hour.

O gordo não deixava o silêncio espichar. Perguntou de novo.

— Aí entraram os desenhos?

— É. Estamos falando só dos momentos mais importantes de que me lembro, é claro. Você vai encontrar tudo bem documentado, arquivado, como era de se esperar. Ah, teve também o Däniken. Seus livros tiveram um excelente impacto. A ideia dele, como você sabe, é irrefutável; tão clara e simples, impõe-se com facilidade. Oficialmente, foi rejeitado, provaram ser uma grande bobagem. Mas ficaram com a pulga atrás da orelha. – Olhava agora o gordo com simpatia, falava pacientemente.

— Quer dizer que mais vinte, quarenta anos, você calcula?

— É.

— E agora, para onde você vai? – O gordo parecia preocupado, ansioso.

— Recebi ordens para continuar noutro lugar. Vou substituir alguém que volta para casa. – Transparecia um certo cansaço na sua voz. Passou novamente a mão nos cabelos.

— Você parece melancólico – sentenciou o gordo.

— Sabe, tenho pena deles. Ficarão tão decepcionados. – Uma rajada de vento levantou a ponta da toalha da mesa, virando o copo e derramando o resto da caipirinha.

— Você acha? Com toda a tecnologia avançada que vão receber, os novos conhecimentos? Não entendo.

— É que eles esperam que nós tenhamos as respostas. Você sabe... Deus, morte, felicidade, essas coisas.

— Hum! – Agora o gordo não se interessava mais.

— Acho que se decepcionarão quando descobrirem que temos as mesmas perguntas. Que nossas respostas, embora vestidas com outras roupas, não diferem essencialmente das deles. O mesmo desconhecido. – O de meia-idade procurava a carteira no bolso.

— Bom, que se há de fazer? – O gordo não estava nem aí.

— Pois é, nada. – O de meia-idade deixou umas cédulas na mesa e levantou-se. – Acho que temos de nos despedir.

— É mesmo – disse o outro também se levantando.

— Boa sorte. Você vai gostar deles. São meio bárbaros, mas inteligentes, astutos. Adeus.

— Adeus – respondeu o gordo. Ficou por instantes observando o de meia-idade se afastar, atravessando a rua. Depois, sentou-se pesadamente na cadeira e ficou olhando com desgosto para seu copo.



**Sérgio Telles** revela com este conjunto de textos um perfeito domínio do gênero. Alternando o ponto de partida de seus contos entre situações corriqueiras e inesperadas, ele consegue instaurar climas insólitos que fascinam e prendem o leitor – cumprindo, assim, o postulado básico da boa literatura. (...) Constituído basicamente por registros urbanos, *Mergulhador de Acapulco* impressiona pela variedade das situações que aborda, alternando climas introspectivos e outros explícitos. Todos marcados por uma construção elaborada, que configura, afinal, uma vigorosa visão do mundo contemporâneo.

*Marçal Aquino*

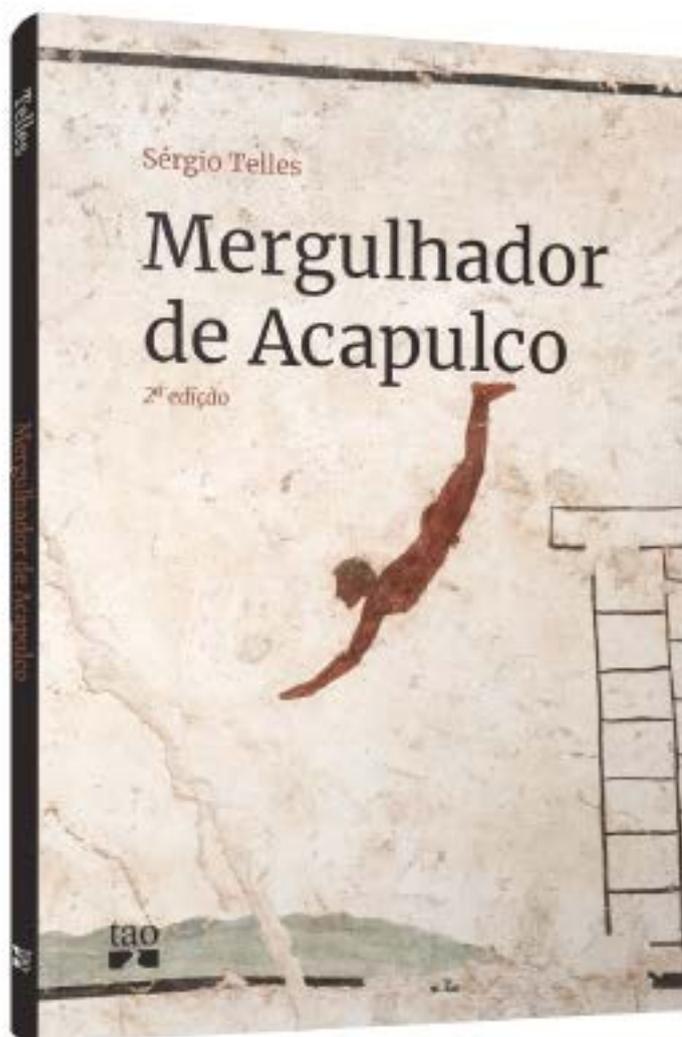
**Observo em Sérgio Telles** uma personalidade definida, nitidamente marcada em todos os seus contos, mesmo quando não há uma semelhança evidente entre eles. É a impressão digital, o polegar no papel, que a maioria não possui. Outra qualidade do autor: não segue figurinos, não é pingente de estilos e maneirismos consagrados, não vai de Joyce e nem de Kafka. Discípulos e repetidores cansam.

*Marcos Rey*



[www.taoeditora.com.br](http://www.taoeditora.com.br)

**tao**  
P



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Mergulhador de Acapulco

---

Sérgio Telles

ISBN: 9786589913412

Páginas: 212

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022

---